

COMÉRCIO AGRÍCOLA

*** Roberto Rodrigues**

Num momento de queda das exportações agrícolas, é bom ver como foi impressionante o desempenho delas nos últimos 10 anos. Saltamos de 21,5 bilhões de dólares em 1998 para 71,8 bilhões no ano passado (crescimento médio de 12,8% ao ano), apesar dos preços terem despencado no segundo semestre e apesar da crise global, que causou retração em diversos mercados.

A China cresceu de maneira avassaladora. Em 1998, ela era nosso 11º mercado com 591 milhões de dólares importados, e, no ano passado, assumiu a liderança absoluta, comprando 7,93 bilhões de dólares, um aumento anual de 29,7%, quase 2,5 vezes a média do crescimento anual do conjunto das nossas exportações.

Enquanto isso, os Estados Unidos, que em 1998 eram o maior importador, com 3,22 bilhões de dólares, em 2008 nos compraram 6,24 bilhões, menos que a Holanda (com US\$ 6,53 bi), caindo para o 3º maior mercado.

Vários outros países tiveram crescimentos maiores que a média, embora com pouca expressão no conjunto.

É o caso da Suíça, que cresceu 18,8% ao ano, mas só responde por 0,63% das nossas exportações. Angola, África do Sul e Argélia cresceram respectivamente, 32,3%, 28,4% e 31,7% ao ano, mas nenhum tem participação superior a 1%. Arábia Saudita, Coreia do Sul, e Emirados Árabes aumentaram 19,5% na média, cada um, mas nenhum deles chega a 2% do mercado.

Já a Rússia, 4º principal importador, com 4,2 bilhões de dólares no ano passado, cresceu 21,4% ao ano. A Alemanha é o 5º mercado, seguido da Itália, Bélgica, Japão, Venezuela e Espanha. No entanto, Alemanha, Bélgica e Japão cresceram menos que 10% ao ano, enquanto a Venezuela cresceu 34,1% ao ano, saltando de 129 milhões de dólares em 1998 para 2,42 bilhões no ano passado.

São mudanças significativas, e têm diferentes explicações, que vão desde o crescimento da demanda interna dos países (como a China e a Rússia), até a programas específicos do governo brasileiro (caso da Venezuela), além do protecionismo agrícola, inibidor das exportações (na U.E. e nos Estados Unidos).

Uma curiosidade: a Argentina teve um crescimento de apenas 2,3% ao ano, o pior entre os 30 principais mercados do nosso agronegócio...

O gigantesco êxodo rural chinês determina um grande incremento na demanda de produtos agrícolas, mas há alguns dados interessantes para analisar. A gigantesca concentração na soja, com 77% de pauta das importações, cria um certo suspense quanto àquele imenso mercado. O segundo produto mais vendido (produtos florestais) representa apenas 10,5% das importações chinesas do Brasil. Já o terceiro e o quarto (couros e fumo) tiveram menos de 5% cada um e o quinto (sucos de frutas), só 0,73%...

A presença naquele país do nosso açúcar, café e carnes é insignificante.

E mais ainda: mesmo em relação ao complexo soja, dos 12,52 milhões de toneladas exportados em 2008, cerca de 11,82 milhões foram grãos, sobrando quase nada para farelo e óleo. Isto quer dizer que os chineses só querem

comprar matéria prima, agregando valor lá, inibindo nossa industrialização. Estão certos, do ponto de vista deles. Ruim para nós.

Quanto mais exportamos, e para mais países, tanto melhor para o Brasil. Mas precisamos agregar valor aqui. E isto implica em muito mais do que apenas industrializar. Precisamos de acordos comerciais bem construídos, inclusive com as grandes redes de distribuidores dos países compradores.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**